

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

FEMINISMO NA ARGENTINA DOS ANOS 1970: MAIS UM PERIGO PARA AS FILHAS DA PÁTRIA

Mariana Jafet Cestari
marianajcestari@gmail.com

Mestranda
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Na Argentina, a queda do presidente Juan Domingo Perón, em meados dos anos 1950, gerou um período de quase 20 anos de crise política. De acordo com Vassallo (Las mujeres dicen basta: movilización, política y orígenes del feminismo argentino em los '70, In: ANDÚJAR [org.] *Historia, Género y Política en los '70*, 2005), a década transcorrida entre 1966 e 1976, anos marcados por dois golpes militares, abarcou um período de crise profunda na história do país, em que foram manifestos os conflitos sociais e políticos. Neste processo, o movimento operário radicalizou-se e emergiram diversas organizações políticas marxistas e peronistas, que em muitos casos atuaram por meio da via armada. Também surgiram as primeiras organizações feministas, como uma das múltiplas formas pela qual grupos de mulheres com origem em distintos setores sociais e experiências militantes reivindicaram um lugar e uma voz própria na política. Diante de uma ameaça ao *status quo*, a direita argentina uniu-se em defesa do golpe militar de 1976, que sistematizou o aparelho repressivo do Estado contra seus opositores e preparou o caminho para o projeto neoliberal no país.

Neste contexto, no primeiro semestre de 1975, em Buenos Aires, um panfleto foi distribuído pelo grupo feminista *Movimiento de Liberación Feminina*¹ a estudantes de uma escola secundária. Este acontecimento histórico e discursivo desdobrou-se no artigo *A las Hijas de la Pátria*², publicado, em junho de 1975, na revista da extrema direita nacionalista católica *Restauración – del Bien Común y de la Soberanía Nacional*.

Uma polêmica: discurso feminista vs discurso da direita nacionalista

¹ O *Movimiento de Liberación Feminina* (M.L.F.), referido no artigo *A las Hijas de la Pátria*, formou-se em 1972. Este grupo tinha como práticas a organização de conferências, debates sobre temas feministas e panfletagens. Também organizou uma biblioteca e editou a revista *Persona*.

² O artigo *A las Hijas de la Pátria* faz parte do arquivo pessoal de Sara Torres, militante feminista argentina desde os anos 1970, que disponibilizou este material para pesquisa acadêmica e militante.

A proposta deste trabalho é, a partir da Análise do Discurso (AD), apresentar alguns embates de sentidos entre o discurso da extrema direita nacionalista e o discurso feminista na Argentina durante a década de 1970. As reflexões que serão expostas baseiam-se em uma análise com foco no texto *A las Hijas de la Pátria*, que estabelece uma polêmica aberta com o discurso feminista.

Parte-se deste texto, um acontecimento singular de um processo discursivo³, para explicitar as condições de produção (CPs) do discurso feminista e do discurso de extrema direita. Para cumprir com este objetivo de análise, o *corpus* discursivo deste trabalho é constituído por enunciados de textos da imprensa de extrema direita, de depoimentos de autoridades do governo militar e de panfletos feministas em circulação na década de 1970 na Argentina.

Em consonância com a noção de formação discursiva (FD) proposta por Pêcheux (1975), postula-se a existência da *FD feminista* e da *FD direita nacionalista* como uma hipótese teórica e uma proposta descritivo-analítica feita a partir de bibliografia diversa sobre os conflitos políticos e discursivos da conjuntura histórica em questão⁴. Segundo este autor, a FD determina “o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura” (p.166), o que faz com que toda a FD derive de condições de produção (CPs) específicas.

A proposição de CPs do discurso representa um gesto de ruptura epistemológica levado a cabo por Pêcheux (1969) em relação à perspectiva da teoria lingüística, que atribuía ao contexto ou à situação o papel de “pano de fundo específico dos discursos” (p.74). O autor afirma que as CPs são constitutivas dos processos discursivos (e não exteriores), pois estes somente podem ser definidos “em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso” (p.78). Tal mecanismo é tomado como o funcionamento de projeções imaginárias de “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (p.82) em jogo nos processos discursivos.⁵

Analisar, no discurso, estas projeções dos lugares sociais em contradição em uma dada formação social envolve a compreensão da conjuntura sócio-histórica. Por sua vez, as relações de sentido expõem o fato de que sempre algo fala antes e alhures. Ou seja, os sujeitos falam a partir de redes de memória dos dizeres, dos trajetos histórico-sociais dos discursos. Estas redes de memória

³ Em outras palavras, este trabalho pressupõe que a publicação deste texto, uma materialidade integralmente histórica e integralmente lingüística, é um evento significativo constituído pelo discurso. Se em sua apresentação empírica representa uma unidade significante, como discurso é incompleto, não é uma unidade fechada. Como afirma Pêcheux (Por uma análise automática do discurso. In: Gadet e Hak [orgs.] *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, [1969]1997), “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (p.79)

⁴ Entre as referências, destaco o trabalho de Vitale (Memoria y acontecimiento. La prensa escrita argentina ante el golpe militar de 1976. In: Granato y Vallejos [orgs.]. *Los Estudios del Discurso: nuevos aportes desde la investigación en la Argentina*, no prelo). Ao estudar memórias argumentais que incidiram sobre discursos de sustentação do golpe militar de 1976, correspondentes a dois setores do espectro ideológico da direita, esta autora denomina *memória retórico argumental golpista nacionalista antiliberal* a memória que sustenta periódicos como *Restauración*. Esta memória buscou a adesão aos sucessivos golpes de Estado com base no argumento de que o regime democrático liberal não se adequava à realidade argentina e que era um sistema superado, pelo qual defendeu que as forças armadas instaurassem uma nova ordem institucional.

⁵ Mais tarde, Pêcheux & Fucks (A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizaçuchão e perspectivas. In: Gadet e Hak [orgs.] *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, [1975] 1997) esclarecem que as formações imaginárias são “efeitos das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito”, afastando qualquer análise psicologizante que confunda as relações de lugar do discurso com “o jogo de espelhos de papéis interiores a uma instituição” (p.171)

relacionam-se a filiações históricas nas quais os indivíduos se inscrevem, o que não significa que as redes e FDs sejam espaços exclusivamente de repetição. Segundo Pêcheux (*O discurso: estrutura ou acontecimento*, [1983] 2008) todo discurso encerra a possibilidade de desestruturação-reestruturação das redes de memória e dos trajetos sociais em que irrompe, “é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação” (p.56).

Ainda na perspectiva de que as FDs não são espaços exclusivos da repetição, Courtine (Quelques Problèmes Théoriques et méthodologiques en analyse du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langages* 62, 1981) adota a noção de interdiscurso como exterior específico de uma FD, que delimita seu fechamento; instância de formação/repetição/transformação dos elementos de saber de uma FD determinada. Em outras palavras, o interdiscurso de uma FD deveria ser pensado como um processo de reconfiguração incessante no qual o saber de uma FD é levado a incorporar elementos pré-construídos produzidos em seu exterior de acordo com as posições ideológicas que esta FD representa em uma conjuntura.

O pessoal é político: mulher no singular e no plural

A las Hijas de la Pátria expõe um *facsimile* do panfleto do *Movimiento de Liberación Femenina* e comenta-o. Este panfleto é estruturado no formato de perguntas e respostas e, ao final, apresenta alguns pontos do programa feminista que começava a ser formulado na Argentina. Esse formato de panfleto, com pouco texto e questões para a reflexão direcionadas às mulheres, está em acordo com a prática do feminismo da segunda onda, como foi chamado o movimento emergente nos anos 1960 e 1970 em diversos países. A palavra de ordem “O pessoal é político!”, criada pelo feminismo neste momento, expressa uma noção central para o movimento.

Nestas questões do panfleto feminista, projeta-se no discurso, com o uso da segunda pessoa no singular, uma mulher única. Aciona-se a imagem de uma interlocutora sensibilizada pelos questionamentos propostos a partir da reflexão sobre sua experiência e ponto de vista pessoais, como ocorre nos recortes abaixo (grifos meus):

- i. ¿Has pensado por qué se quiere que *llegues* virgen al matrimonio?
- ii. Que *dependas* de un marido e que *sea* femenina, madre y ama de casa perfecta?

A suposição projetada de que *todas* as mulheres para quem se dirige o panfleto compartilham as respostas para as perguntas feitas (e de forma mais ampla, de que as mulheres compartilham uma situação de opressão “pela sociedade, pelo Estado, pelas leis, pelas religiões e pelo homem”) materializa-se com o chamado à formação de um coletivo de luta. Neste chamado, configura-se um *nós inclusivo* que se refere aos grupos feministas e às mulheres que se identificam esta posição discursiva.

Este funcionamento discursivo está presente no panfleto do M.L.F (em *iii*) e é recorrente nos panfletos das organizações feministas. A título de exemplo, também recorro ao panfleto intitulado *Movimiento de la Liberación de la Mujer*, publicado na primeira metade nos anos 1970 pela *Unión*

Feminista Argentina (U.F.A)⁶. O funcionamento em questão pode ser observado nos recortes que seguem (grifos meus):

- iii. *proponemos a todas juntarnos* en esta lucha por la nueva mujer, verdaderamente libre
- iv. *Nos* han hecho rivales. *Nosotras nos descubrimos* hermanas. *Hacemos* un llamado a todas as mujeres sin discriminación social, política, cultural o geracional para que se solidaricen con este movimiento que tiene como primero objetivo construir una conciencia nueva

Em “*nos* han hecho rivales” e em “*todas juntarnos*” o referencial do *nós* inclui *todas as mulheres*. Além de um *nós inclusivo*, os enunciados destacados desses dois panfletos evidenciam as organizações feministas como lugar de enunciação coletivo do sujeito político mulheres, em uma posição de convocatória às mulheres identificadas com essa posição. Em “*proponemos a todas*” e em “*Hacemos* un llamado”, o emprego da primeira pessoa do plural não produz a inclusão de *todas as mulheres*; trata-se de um *nós exclusivo* das integrantes das organizações feministas. Os itens lexicais *compañeras*, no chamado do panfleto do M.L.F., e *hermanas*, no panfleto da U.F.A., têm um efeito de sentido de construção de um coletivo de identificação.

As imagens de mulheres jovens na FD feminista e na FD direita nacionalista

A polêmica instalada entre o panfleto feminista e o artigo *A las hijas de la patria* passa pelas diferentes imagens de mulheres jovens projetadas pelas duas FDs. Os recortes a seguir trazem elementos que constroem a projeção do lugar social das mulheres jovens na *FD feminista* e na *FD direita nacionalista*.

No panfleto do M.L.F., projeta-se como interlocutora uma mulher jovem, que mora na casa dos pais e é reprimida por eles por conta dos horários, que não é casada, que tem ou poderia ter uma “parceira” (um relacionamento afetivo-sexual, um namoro). As perguntas do panfleto revelam pré-construídos da *FD feminista* que sustentam a imagem descrita, com lê-se a seguir:

- v. Nunca te pusiste a pensar por qué tus padres te reprimen más a vos que a tu hermano varón, especialmente en los horarios?
- vi. “¿Has pensado por qué se quiere que llegues virgen al matrimonio?”
- vii. “Sabes como te puede afectar todo esto dentro de su pareja?”

Se para a *FD feminista* estas mulheres são projetadas como *compañeras*, que compartilham uma opressão pelo fato de serem mulheres, para a *FD direita nacionalista*, estas são as filhas da Argentina, “señoritas entre 13 y 17 años”, uma “edad, cuando fácil es enamorarse de la idea del amor⁷”. Em outras palavras, projeta-se a imagem de jovens inocentes, influenciáveis por idéias românticas, sedutoras e perigosas para sua falta de condição de discernimento e que, por isso, devem ser protegidas no seio na família, “último bastión capaz de contener el embate masificador”.

⁶ A U.F.A. foi a primeira organização feminista da Argentina na década de 1970. O documento em questão foi reproduzido em Cecym (Feminismo por feministas – fragmentos para una historia del feminismo argentino 1970-1996. In: *Travesías 5 – temas del debate feminista contemporáneo*, 1996)

⁷ Estas expressões entre aspas foram retiradas do artigo “A las hijas de la patria”. Este recurso será utilizado novamente mais adiante.

Comprender a conjuntura da publicação de *A las hijas de la patria* traz esclarecimentos a este respeito: no editorial desta mesma edição de *Restauración* diz-se de um “momento limiar da história”, em que os inimigos ocupavam cada vez mais lugares na sociedade. Ao mesmo tempo em que a *FD derecha nacionalista* construía a imagem de subversão como mundial (a distribuição do panfleto pelo M.L.F. foi denominada um “golpe maestro del plan de la subversión mundial”), afirmava que tratava-se de um “inimigo interno” contra a “Familia” (com letra maiúscula), que passava por uma “quebra de formação” em um momento de “crise cultural”.

Bravo (El discurso de la ditadura militar argentina 1976-1983. Definición del opositor político y confinamiento – “valorización” del papel de la mujer en el espacio privado. In: *Utopia y Praxis Latinoamericana*, 2003) esclarece, a partir de estudo sobre o discurso da ditadura militar, que o termo “subversivo” passou por um processo de ampliação de seu referencial, sendo que se encaixaria nesta imagem qualquer pessoa que questionasse o regime militar ou seus valores de sustentação.⁸ Além disso, o “subversivo” tampouco podia ser considerado argentino⁹. Por fim, a autora aponta que o discurso militar construiu a família como um pilar fundamental para manter “nossa civilização ocidental e cristã” e lugar privilegiado da luta contra a “subversão”, dado que este seria um dos lugares preferidos do “plano subversivo”. Isso explica o motivo do governo militar ter se dirigido recorrentemente à família em suas declarações¹⁰.

Mesmo que os enunciados analisados por Bravo (op. cit.) sejam posteriores ao golpe militar, que introduziu modificações nas CPs do discurso da *FD derecha nacionalista*, é possível identificar formulações anteriores ao golpe (como em *A las Hijas de la patria*) em que estão em jogo imagens de “subversivo” e de “família” similares às do discurso do governo militar. Para além de continuidades, o acirramento dos embates ideológicos levou a *FD derecha nacionalista* a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior de suas fronteiras e, desta forma, se reconfigurar, como atesta a ampliação do referencial do termo “subversivo” para as feministas.

Em entrevista, Sara Torres, uma das participantes da U.F.A., afirma que esta ampliação da imagem de “subversão” marcou a trajetória dos grupos feministas dos anos 1970 na Argentina, pois representou uma ameaça às “novas subversivas”¹¹. Resta analisar como se construiu no discurso da *FD extrema derecha* esta imagem de feminismo subversivo.

⁸ Em recorte de um depoimento do Tenente General Jorge Rafael Videla lê-se: “El terrorismo no es solo considerado tal por matar con una arma o colocar una bomba, sino también por ativar a través de ideas contrarias a nuestra civilización occidental y cristiana a otras personas (...)” (Trecho de depoimento publicado no jornal *La Prensa*, Buenos Aires, 8 de dezembro de 1977)

⁹ Em outro depoimento, o Tenente General afirmou: “Yo quiero significar que la ciudadanía no es víctima de la represión. La represión es contra una minoría, a quien *no consideramos argentina*. (grifos meus) (Trecho de depoimento publicado no jornal *La Prensa*, Buenos Aires, 18 de dezembro de 1977)

¹⁰ Um ejemplo pode ser lido neste recorte: “Una advertencia: padres, madres e hijos, las ideas nefastas de la izquierda marxista atentan contra nuestras familias, nuestra bandera, nuestra patria y nuestra libertad. Sepamos defenderlas” (Trecho do discurso do General de Brigada Albano Harguindegui, Ministro do Interior de Nação, pronunciado em 20 de junho de 1976, na Capital Federal).

¹¹ “Al fines de esse año [1975] la revista nacionalista de derecha ‘Restauración’ lanzó una proclama contra las propuestas feministas declarándolas antinacionalistas, servidoras del imperialismo internacional y agentes de la destrucción de la familia. Esta declaración, en el contexto político de ese momento, equivalía a una amenaza. En noviembre el gobierno de Isabel Marín de Perón decretó la aniquilación de la ‘subversión’, con lo que se legalizó la acción represiva (ATEM ‘25 de Noviembre’, *Feminismo socialista en los 70*. In: *Brujas publicación feminista*, n.32., 2006).

Mulheres argentinas vs liberadas

Em *A las hijas de la patria*, a extrema direita nacionalista respondeu de forma explícita à formação do sujeito político mulheres, como coletivo organizado das mulheres que compartilham uma condição de opressão e lutam por sua liberdade. Neste artigo, não é usada a denominação feminista. Mais do que isso, na construção da imagem de feminismo subversivo, as integrantes do M.L.F. sequer recebem a denominação “mulheres”. Em cada retomada do texto para o referencial feminista, a partir de elementos do interdiscurso, articulam-se sentidos depreciativos.

As feministas são referidas indiretamente como (grifos meus):

- viii. *quienes* saben que para conquistar, primero deben corromper
- ix. *quienes* pretenden oponer soluciones ficticias, que tienen como fin la anulación del hombre.

A estas referências indiretas, que em uma primeira análise poderiam ser usadas pela *FD extrema derecha* para uma imagem de “subversivo” que incluísse outros grupos, como os guerrilheiros, somam-se expressões definidas “*quemadora corpiños*” e “*liberadas*” (grifos e aspas do texto original). Estas últimas referem-se, de forma mais restrita, às feministas.

O termo “*liberada*” empregado na *FD extrema derecha* para dizer das feministas assume contornos depreciativos, relacionados aos sentidos de liberadas para a experiência sexual, contra a família, indecentes (para retomar o enunciado “Argentina sojuzgada por la indecencia”), sentidos estes contraditórios ao de “*mujer nueva, verdaderamente libre*” (grifo meu) da *FD feminista*. A expressão “*quemadora corpiños*” (“queimadoras de sutiã”), formulada por FDs contraditórias à *FD feminista*, na memória dos dizeres, tem o efeito de sentido de mal-amadas, feias e contra os homens (“los varones son sus enemigos”) – estereótipos de feminista em circulação na sociedade.

As feministas aparecem como as *outras* das “mulheres”, definidas pelas posições que ocupam na família: “*madres, hermanas y esposas*”, que formam o “verdadero movimiento femenino argentino”. Lembro que nas retomadas que tinham como referencial as feministas não havia menção ao seu lugar na família ou a qualquer profissão. As feministas também são construídas como as *outras* das argentinas, as “*mujeres capaces de describir la grandiosidad de llevar en su vientre el futuro de nuestra Nación*”.

Este paralelo entre “mulheres” e “mães” e, em especial, “mães da República”, é uma regularidade no discurso do governo militar sobre as mulheres, segundo apontamento de Laudano (*Las mujeres en los discursos militares*, 1995). O próprio título do artigo, *A las hijas de la patria*, institui uma divisão entre argentinas e feministas, já que não se dirige a estas, além de, mais uma vez, fazer a referência às mulheres por um item lexical que remete à posição que ocupam na família, estendida, nesta formulação, para a nação.

Enquanto na *FD feminista* as mulheres devem juntar-se para uma “*lucha por la nueva mujer*”, as mulheres da *FD extrema derecha* são concientes que “*el hombre es hombre y la mujer, mujer*”. Neste enunciado que conclui o artigo *A las hijas de la patria*, para além de duas orações descritivas que não

acrescentam informação alguma, o que ocorre é a sustentação do dizer pelos sentidos evidentes para a *FD extrema direita*, disponíveis em seu interdiscurso. Como este trabalho buscou demonstrar pela análise, um dos pré-construídos que sustentam o enunciado “mulher é mulher” neste discurso é o sentido de “mulheres” relacionado à maternidade, em oposição ao sentido de “mulheres oprimidas pela sociedade, o Estado, as leis, as religiões e o homem”, da *FD feminista*, que, para sua libertação, tomam posições em desacordo com a “Família”, tal qual contrariar a “a maternidade como destino”.